



Um olhar sobre juventudes brasileiras

Ano 1, nº 1, Julho/Agosto - 2016

Por que discutir no primeiro número a temática JUVENTUDE? Primeiramente, os estudantes do ensino médio que cursam Sociologia nas escolas são jovens. Segundo, para a constituição do sujeito como ser pleno, é fundamental compreender-se melhor. Terceiro, a formação de cidadãos e cidadãs passa, inicialmente, pela compreensão da realidade da qual fazem parte. Este número é um convite aos leitores jovens e aos educadores desses jovens a se compreenderem mais e intuí-los na sua formação e prática como cidadãos.

A orientação do ensaio deste número inicial foi não tratar a juventude como um conceito que reflete uma realidade única. Pelo contrário, buscou-se compreender uma multiplicidade de jovens e de contextos nos quais se fazem como seres sociais. Logo, juventude não revela uma essência (“inovador”, “fase de transição”, “ávido por mudança”, “período de descoberta” etc.). De outro modo, buscou-se mostrar que há diferentes jovens que refletem distintos contextos sociais que lhe emprestam características específicas (“jovens de metrópoles”, “jovens do campo”, “jovens de periferia”, “jovens de quilombos”, “jovens brancos”, “jovens negros”, “jovens do gênero masculino”, “jovens do gênero feminino” etc.).

Assim, entende-se que juventude é um fenômeno social que muda conforme o tempo e o espaço social. Compreende-se que há diversos jovens, pois os contextos sociais e históricos que os constituem também são múltiplos. Ao perceber essa heterogeneidade de jovens, abre-se caminho para posturas de respeito entre eles e da sociedade em geral em relação com os jovens (são diferentes, mas, não por isso, melhores ou piores). Respeitar todos, independentemente da cor da pele, do gênero, da renda, do lugar em que reside, das posturas que adotam (roupas, cortes de cabelo, posturas etc.). Esta é uma das riquezas de uma sociedade que fomenta valores e ideias democráticas: a possibilidade de aprender a partir das trocas entre pessoas e grupos distintos.

Por outro lado, passa a compreender que há desigualdades entre os jovens. Não desigualdades de talentos e esforços individuais, mas diferença sociais de oportunidade: a escola do campo é inferior à da cidade; faltam bibliotecas e áreas para a prática de esporte nas periferias; os jovens pobres não possuem acesso à internet como os jovens de classe média; muitos jovens precisam deixar de estudar para dedicar-se ao trabalho e colaborar com o sustento familiar. Entender que a sociedade brasileira é uma sociedade de desiguais é fundamental para que seu povo se comprometa com a superação das injustiças sociais que condenam milhões de brasileiros a situações de miséria e exclusão de direitos fundamentais da cidadania.

Por fim, importante explicar que o jornal ENTRELINHAS SOCIOLOGICAS é uma construção do curso de Ciências Sociais da Uespi (campus poeta Torquato Neto), em parceria com o programa de extensão Humanismo Caboclo e com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PREX). Seu público são professores de Sociologia do ensino médio e seus respectivos alunos. Por essa razão, busca discutir temáticas de interesse dos jovens e que favoreçam sua formação como pessoas e



Equipe do Jornal

cidadãos. Como criação da Licenciatura em Ciências Sociais, seus textos são produzidos por estudantes sob a orientação de um professor. A ideia é aproximar os educandos de Ciências Sociais da experiência de ensino por meio da produção de ensaios sobre sociedade, juventude e educação que sirvam como suportes à formação de estudantes do ensino médio.

A linha editorial do jornal optou pela elaboração de ensaios, pois estes discutem de modo amplo e aberto as temáticas trabalhadas. Não se pretende apresentar verdades cabais, mas pontuar alguns aspectos das problemáticas apreciadas no intuito de fomentar reflexões dos leitores. A finalidade dos ensaios não é ensinar sobre o assunto em questão, mas destacar questões relevantes, segundo seus autores, com o fim de favorecer, por parte dos leitores, uma análise abrangente.

Primeiras Palavras

O conceito de juventude é geralmente confundido com faixa etária ou fase de transição da vida humana, em que os jovens não se enquadram no grupo adulto, mas também não são mais crianças. Como se estivessem em período de aperfeiçoamento, passando por transformações físicas, psicológicas, culturais e sociais para ingressar no "mundo adulto", onde é esperado, principalmente, que possuam emprego e sejam autossuficientes para assumir o papel de "adultos" na sociedade. Logo, juventude seria compreendida como uma fase de moldagem para um ideal de "ser" adulto.

Entretanto, juventude é algo bem mais complexo que faixa etária ou período de transição da vida humana, tendo em vista que há uma variedade de contextos históricos, culturais, sociais e políticos onde se constroem diversas juventudes. O que nos leva a compreender que dependendo do contexto no qual os indivíduos estão inseridos, a juventude se constitui. Sendo assim, não há a possibilidade de estabelecer um conceito único que abranja essa diversidade de juventudes, fazendo-se necessário compreender os contextos em que são criadas.

A juventude é uma fase da vida humana que representa uma das passagens que o ser humano vivencia, sendo assim, importante para a sua constituição. O homem está sempre se transformando, e no período da juventude, em particular, as diferentes maneiras de se viver esta fase na sociedade é significativa para a constituição de cada ser humano.

A Construção da Juventude

Existe no **imaginário social** uma série de definições do que é ser jovem. Porém, essas concepções de juventude não são capazes de descrever as diversas particularidades dos jovens existentes que são um reflexo da estrutura social e cultural de cada lugar. Como exemplo há os jovens da zona rural dos municípios, entendendo essas localidades rurais como um espaço de formação e de socialização que influencia nas formas de se relacionar, nas formas de viver, de construir identidade. No artigo da professora Valéria Silva, "Diálogos juvenis no Sudoeste Piauiense: as juventudes, o rural e a cidade" (2016), destaca-se o relato de um jovem do **campo**: "... o jovem do setor rural, ele, de certa forma, é um jovem mais ... entre aspas 'matuto'. É um jovem que é mais ligado aos pais, que vive desde a infância, desde criança, ... ligado com a família diretamente. A cultura ela é quase que oitenta por cento repassada pros filhos. É tradição".

O jovem que vive no campo tem uma visão totalmente diferente daquele que vive nos grandes centros urbanos. Ele vivencia uma outra realidade que faz com que ele construa uma **identidade** juvenil particular.



Outro exemplo que pode ser trazido à tona é o do jovem que vive em comunidades quilombolas e em assentamentos. Nos quilombos, a história, a cultura, toda a estrutura organizacional cria um outro jovem que mais uma vez não se encaixa na concepção genérica do que é ser jovem. Em visita a **quilombos** na região sul do Piauí, estudantes de Ciências Sociais da UESPI vivenciaram e observaram uma outra realidade juvenil. O jovem quilombola enfrenta o dilema de seguir a trajetória do seu grupo e manter viva a cultura dos quilombos ou buscar alternativas de vida nos grandes centros urbanos. Um dilema parecido pode ser visto no campo: grande parte dos jovens também busca outras alternativas de vida. Ambos encaram uma grande batalha que é pular o muro que separa o mundo rural e os centros urbanos. Uma vez pulado esse muro, terão que enfrentar preconceitos, violências, falta de empregos ou trabalho **precário**, entre outras coisas. O que nos leva a refletir, em relação com o lugar de origem e o lugar de fala de cada jovem, ele busca construir significados para suas ações cotidianas. No curso da vida social e cultural suas interações e suas vivências produzem sua forma de ser e de estar, produzem o jovem que ele é.

Trabalho e Educação na Sociedade de Mercado

O trabalho é tema recorrente das discussões sociais juvenis, pois nessa fase surge em grande parte dos jovens o desejo por autonomia financeira. Porém, é importante que se possa entender o que é trabalho e que ele significa na

sociedade capitalista contemporânea.

Existe no mundo várias sociedades e, portanto, diferentes visões do que é trabalho. Cada sociedade colocará sobre o trabalho significações diferentes. Em termos gerais pensa-se o trabalho como qualquer atividade física ou



intelectual, realizada pelo ser humano, cujo objetivo é fazer, transformar ou obter algo para suprir necessidades pessoais e coletivas. Também para o desenvolvimento econômico que pode ou não ensejar realização pessoal. No capitalismo o trabalho ganha outros significados. Conforme a teoria marxista, ele se transforma em valor de troca. O homem vende sua força de trabalho para realizar sua reprodução social: produzir, receber um salário e consumir.

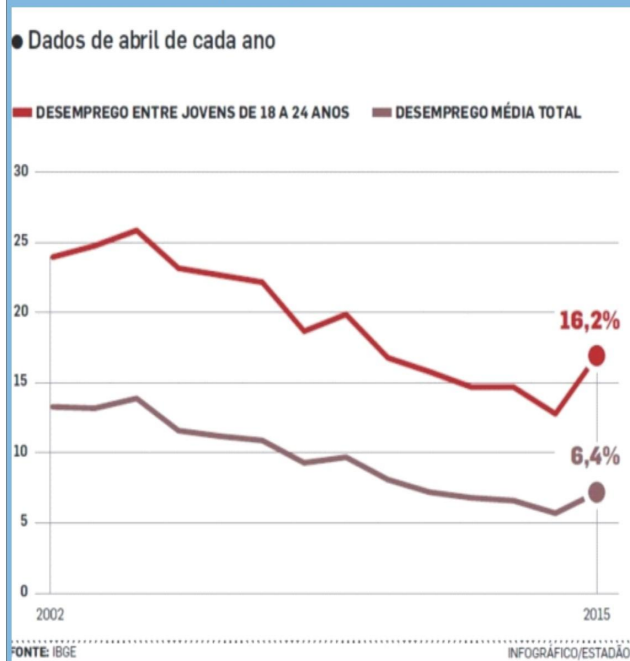
Uma característica importante do trabalho nessa sociedade de mercado é sua crescente divisão. Por exemplo, na produção de uma grande empresa os operários são classificados e distribuídos segundo suas aptidões específicas: cada um executa uma tarefa distinta e por isso não conhece todo o processo de produção. Essa divisão do trabalho aliena os seres humanos, por sua função ser restrita a uma pequeníssima tarefa na produção. O operário não tem controle sobre o que produz e apenas executa tarefas determinadas.

Segundo o pensador Karl Marx, a alienação se refere aos estranhamentos, sentimentos de indiferença, não apenas em relação ao trabalho, mas a toda estrutura da produção. O trabalhador não se reconhece naquilo que produz, não controla aquilo que é produzido e nem como é produzido: essas são tarefas do capitalista que é proprietário dos meios de produção. Assim, cada vez mais o trabalhador não se reconhece naquilo que faz pois é sempre determinado pelo sistema.

Na sociedade de mercado, existe uma forte competitividade e cada vez mais o mercado busca formas de crescer. Com isso cobra-se daqueles que trabalham mais eficiência. Há uma busca crescente por profissionais mais qualificados que possam garantir a produtividade das empresas. Logo, entende-se que competências profissionais transformaram-se em requisitos essenciais para uma empresa consumir ou contratar o trabalho. Neste sentido a educação, no mundo capitalista, tornou-se uma exigência necessária aos que almejam uma vaga no mercado de trabalho.

Desafios do Primeiro Emprego na Atualidade

A falta de emprego gerada pela crise econômica na qual o país enfrenta tem causado uma série de consequências negativas para a população. E esse cenário atinge principalmente os jovens entre 18 e 24 anos. Segundo a Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE), em reportagem do jornal Folha de São Paulo (06/03/2016), do ano de 2002 para 2014, a taxa de desemprego entre os jovens até 24 anos caiu 11,2 pontos percentuais (de 23% para 12%). Em 2015, a porcentagem voltou a aumentar e chegou a 16,2%, um acréscimo de quatro pontos.



E a gravidade vai crescendo de acordo com a duração da crise. Um exemplo usado pela pesquisadora do Insper (Instituição de Ensino Superior Brasileiro), Regina Madalozzo, em matéria do jornal Estadão (06/06/2015), é o seguinte: “um jovem que termina o ensino médio em 2015, e não encontra um emprego até o fim desse ano de 2016, e quando for o início de 2017, estará competindo com quem terminou em 2016, ou seja, vai haver o dobro de jovens para concorrer às vagas”.

Em dez anos aumentou de 526.000 para 830.000 o número de jovens que estão concluindo um curso superior. E essa camada acaba se deparando com esse cenário propiciado pela crise, encarando a falta de vagas em estágios, trainees e efetivos. Essa escassez de trabalho acaba por deixá-los inexperientes em suas áreas de formação, tornando isso um obstáculo para o desenvolvimento de suas carreiras. E segundo o economista Raone Botteon Costa (FIPE), em reportagem do jornal Estadão (06/06/2015): “O país não está conseguindo gerar vagas qualificadas no mesmo ritmo em que está melhorando a qualificação”. Deparamo-nos também com a realidade daqueles jovens que possuem uma boa formação, mas com a falta de emprego, procura sair do país em busca de outras oportunidades.

Trabalho e Desigualdade

Diante das pesquisas relacionadas às dificuldades da inserção do jovem brasileiro no mercado de trabalho (competitividade e exigência de qualificação, principalmente quando se trata do primeiro emprego), mecanismos de inclusão foram criados para tentar mudar esse quadro que há muito tempo ascendia-se negativamente. Os meios regulatórios do trabalho juvenil, através de programas que ligam empresas às escolas, facilitaram o processo de qualificação e atingiram milhares de estudantes brasileiros. Contudo, não foi possível apurar se, após o processo de qualificação, que percentual desses jovens conquistaram emprego formal. Pelos números do desemprego entre jovens, acredita-se que não houve avanços.

Por outro lado, os números da desigualdade continuam preocupantes. Uma pesquisa feita pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) mostra que, apesar do recente crescimento econômico e das políticas destinadas a reduzir as desigualdades (entre os anos de 2003 e 2008), as diferenças salariais relacionadas a **gênero** continuam preocupantes. No Brasil, os homens ganham aproximadamente 30% a mais que as mulheres de mesma idade e nível de instrução, quase o dobro da média de toda América Latina (17,2%).

Desigualdades de Gênero, Étnicas e Trabalho

É difícil apontar o erro e criar uma solução quando o assunto envolve o aspecto cultural. A mulher, em muitas civilizações, já nasceu com seu papel desenhado pela sociedade. No Brasil não é diferente: segundo pesquisa feita pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), de 2015, mulheres dedicam, em média, 25,3 horas semanais para o trabalho doméstico, enquanto homens apenas 10.

Outro fator comum que prejudica o acesso da jovem brasileira ao mercado de trabalho é a evasão escolar por causa da gravidez precoce. Inúmeras causas podem estar envolvidas com a ocorrência da gestação na adolescência, em especial a não planejada ou a indesejada. Entre essas, destacam-se os fatores clínicos, sociais, culturais e emocionais. E como consequência ocorrem modificações no projeto de vida do adolescente, limitando ou adiando a possibilidade de engajamento dessas jovens no mercado de trabalho.

No Brasil, segundo dados do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), de 2013, 12% das adolescentes entre 15 e 19 anos têm, pelo menos, um filho. No mesmo relatório, aponta que as mães de 19,3% das crianças nascidas do ano de 2010 são menores de 19 anos.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2015, o rendimento dos trabalhadores de cor preta ou parda cresceu 52,6% entre 2003 e 2015. Entre os trabalhadores de cor branca, o crescimento foi de 25%. O expressivo crescimento verificado nos últimos 13 anos, porém, não foi suficiente para reverter o quadro de desigualdade racial.

Os negros representam uma maioria expressiva na nossa sociedade. No entanto, ainda é raro encontrar um adulto negro ocupando postos de chefia, no ensino superior, nas carreiras da magistratura e outras ocupações que exigem uma graduação.

Você sabia que....

Os jovens de baixa renda são os mais afetados pelo desemprego e enfrentam as piores condições de trabalho, muitas vezes sem completar o ensino fundamental. Os jovens com renda mais alta, por outro lado, tendem a ser menos afetados pelo desemprego e encontram melhores empregos.

Os brasileiros estão encontrando dificuldades na busca de oportunidades. Em pesquisa do IBGE, o desemprego aumentou bruscamente. No início de 2015, 7,4%. Já no final do ano, 10,2%. E em maio deste ano bateu 11,2%. Uma taxa recorde, deixando 11,4 milhões de brasileiros desempregados. Cidades acompanhadas foram Sorocaba, Porto Alegre, Cuiabá, São José dos Campos e Teresina.

São as mulheres jovens que encontram a maior dificuldade de se inserir no mercado, considerando que uma em cada cinco mulheres estava desocupada em 2014 (IBGE). No Brasil, a taxa de desocupação feminina, de todas as faixas etárias, era quase o dobro da taxa masculina, entre 2004 e 2014.

GLOSSÁRIO

Imaginário social: pode ser entendido como representações elaboradas do real a partir de materiais tomados de aspectos simbólicos existentes em determinada sociedade ou grupo. Os imaginários sociais proporcionam a um grupo a designação de uma identidade e de uma representação sobre si próprio.

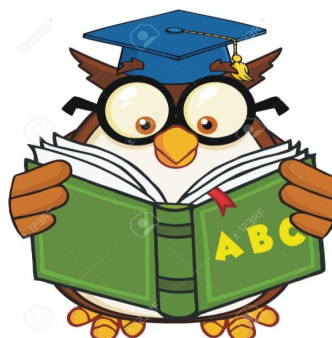
Identidade: é caracterizada essencialmente pela forma como nos vemos, ou seja, é um sentido do “eu” conjugada com a forma como os outros nos veem. A identidade de um indivíduo integra o gênero, sexo, idade, nacionalidade, língua, entre outros fatores.

Gênero: pode ser compreendido como uma construção sociocultural que atribui a homem e mulher papéis diferentes dentro da sociedade. Depende de costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, bem como da maneira como se organiza a vida familiar e política de cada povo.

Trainee: é uma palavra inglesa que em tradução literal significa “em treinamento”. Nas empresas os trainees são as pessoas que estão em um programa de treinamento para um cargo específico. O programa trainee tem como função qualificar e dar experiência para o novo colaborador da empresa.

Campo: refere a toda área geográfica caracterizada pela ausência de grandes concentrações da população e com tendência a uma produção de bens primários. Neste espaço

também se desenvolvem relações sociais, culturais e econômicas. Logo, não pode ser tratado como sinônimo de espaço físico: compreende um espaço social complexo.



Quilombo: a primeira acepção do termo remete aos agrupamentos de fugitivos do sistema escravocrata, a partir do passado colonial brasileiro. Nesse sentido, o quilombo aparece como uma forma de resistência à escravidão imposta. Atualmente, os quilombos são territórios específicos demarcados para esses grupos étnicos que foram historicamente marginalizados.

Trabalho precário: trabalho que ignora as condições mínimas de segurança e qualidade ao empregado e que favorece a acumulação de riqueza por parte dos empresários pela redução dos direitos trabalhistas e imposição de condições desfavoráveis ao trabalhador (extensão de jornada de trabalho, não pagamento de horas extras, intensificação do trabalho pelo estabelecimento de metas etc.).

EXPEDIENTE

Editor: Luciano de Melo Sousa

Conselho editorial:

Roberto Alvares Rocha
Márcia Adriana de Lima Oliveira

Autores:

Ariadine Cristine Gonçalves Ribeiro
Carlos Daniel da Silva Santos
João Pedro Alves da Silva
Luciano de Melo Sousa
Maiara Luisa Mendes Alves

Projeto gráfico e diagramação:

Daniely Cintia Viana de Sousa
Ohana Luize Alves Lima

Email: entrelinhassociologicas@bol.com.br

Impressão: Gráfica UESPI

Universidade Estadual do Piauí:
Pró-Reitoria de Extensão
Programa Institucional de Bolsas em Extensão Universitária
- PIBEU
PREX